

O Brincar e as NEE's: necessidades educacionais especiais

Brenda Vitória Braz Martins¹

Sérgio Luiz Chaves Alves²

Resumo: O presente estudo trata sobre o brincar e as necessidades educacionais especiais (NEE's), no qual tem como problema: O brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais? A pesquisa tem por objetivos identificar de qual modo o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais; analisar a maneira que os professores introduzem o brincar no dia a dia dos alunos; observar o relacionamento dos alunos com NEE em relação aos demais alunos, a partir de um estudo qualitativo de revisão bibliográfica que, no primeiro momento, foram feitos levantamentos bibliográficos com assuntos pertinentes ao tema. No segundo momento, foi organizado um roteiro de entrevista a ser efetuada nos professores integrantes deste estudo seguindo para o terceiro momento, no qual foi observado o recreio no ambiente, para fazer relações com o cotidiano das crianças envolvidas. Conclui-se através das perspectivas dos autores, juntamente com a análise das observações e do questionário que o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais, assim como, nas dos demais alunos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Brincar. Necessidades Educacionais Especiais.

Abstract: The present study deals with play and special educational needs (NEE's), in which it has the problem: Does play affect the school life of students with special educational needs? The research aims to identify how play influences the school life of students with special educational needs; analyze the way that teachers introduce play in the students' daily life; to observe the relationship of the pupils with SEN in relation to the other students, based on a qualitative study of bibliographical revision that, at the first moment, were made bibliographical surveys with subjects pertinent to the theme. In the second moment, an interview script was organized to be carried out in the teachers of this study, following the third moment, during which the recreation in the environment was observed, in order to make relations with the daily life of the children involved. It is concluded through the perspectives of the authors, together with the analysis of the observations and the questionnaire that play influences the school life of students with special educational needs, as well as those of other students.

Keywords: School Physical Education. Play. Special Educational Needs.

¹Graduanda em Educação Física.

²Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFSM). Orientador e Docente do Centro Universitário Cenecista de Osório.

Introdução

“As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade.”

- Mário Quintana

A escolha do tema deu-se através da curiosidade de entender como utilizar o brincar, que é algo ‘mágico’ na infância, como uma proposta pedagógica. Utilizando-se deste como método de introdução e integração junto ao seguimento escolar.

Diante desta perspectiva, o ato de brincar está presente no cotidiano das crianças, de forma livre, espontânea e prazerosa. Neste instante não há distinção entre as crianças. Existem alguns questionamentos como: A brincadeira é de fato levada a sério? No momento em que estão brincando, há interação, construção de saberes, trocas de experiências e ideias?

Segundo Souza e Francisco (2016), que nos diz que a criança, com o brincar, solta sua imaginação, estimula sua capacidade, torna-se mais espontânea, enfrenta os desafios com mais facilidade, desenvolve a capacidade de mudar e aceitar novas regras, tornando-a mais curiosa, energética e autoconfiante. Justificamos que mesmo em uma sala de aula com crianças de diferentes características. O brincar pode ocorrer com um ou mais indivíduos, com ou sem objetos, músicas, palavras ou/e o próprio corpo, variando entre todas as idades, ‘cores e tamanhos’. A brincadeira permite a inclusão. Proporciona a todos a liberdade de expressão. Facilita a interação com o meio ambiente e com quem se encontra presente.

Sendo assim, as crianças com necessidades educacionais especiais também usufruem destes momentos de lazer e descobertas. À vista disso, este projeto de estudo tem como tema: relato de experiência sobre a influência do brincar em pessoas especiais no cotidiano escolar.

Minha problemática de estudo é sobre: “o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais?” E os objetivos:

identificar de qual modo o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais; analisar a maneira que o professor introduz o brincar no dia a dia dos alunos; observar o relacionamento dos alunos com NEE em relação aos demais alunos.

O Brincar

O brincar se caracteriza por ser uma linguagem natural da criança e é de fundamental importância que esteja presente dentro do contexto escolar desde a educação infantil, para que o aluno possa se expressar por meio da ludicidade, considerando que o lúdico consiste nas brincadeiras, os jogos, a música, a arte e a expressão corporal (FRIEDMANN, 2003).

Awad (2006, p.16) apresenta que a “palavra lúdico vem do latim ludos e significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é coerente também o comportamento daquele que joga, que brinca e que se diverte”. Adriana Friedmann (2003, p.03) afirma que, “as brincadeiras são linguagens não verbais, nas quais a criança expressa e passa mensagens, mostrando como ela interpreta e enxerga o mundo”.

Brock, Dodds, Jarvis e Olusoga (2011) relatam que os benefícios das brincadeiras são o divertimento, proporcionar que a criança tenha uma oferta de escolhas, assim, desenvolvendo a tomada de decisão. Incluem, também, o aumento da compreensão numérica e espacial, habilidades linguísticas, raciocínio causal, persistência e senso de domínio. (HANLINE; FOX, 1993 apud BROCK; DODDS; JARVIS; OLUSOGA, 2011).

A brincadeira bem planejada, tanto em ambientes abertos quanto fechados, é a chave para as crianças pequenas aprenderem com diversão e desafios. Na brincadeira, elas se comportam de modos diferentes: algumas vezes sua brincadeira será explosiva, algumas vezes eles descreverão e discutirão o que estão fazendo, algumas vezes ficarão quietos e refletirão enquanto brincam (QCA/DfES, 2000, p. 25 apud BROCK; DODDS; JARVIS; OLUSOGA, 2011, p.262).

Friedmann (2003) conta que a utilização de brincadeiras e jogos na escola devem ser adequadas as faixas etárias dos alunos, sendo que ‘o bebê brinca

e se apropria do mundo através dos sentidos dele. Com o olfato, o tato, audição, paladar e visão ele apreende o que acontece no mundo. Depois, quando a criança começa a se expressar pela fala, inicia-se o brincar simbólico, o faz-de-conta, o construir e o desconstruir. A partir dos seis anos é que começam os jogos regrados e os alunos aprendem a respeitar as regras do jogo; mais tarde podem usar as atividades lúdicas até para desenvolver as regras sociais’.

Adriana Friedmann (2003) comenta, ainda que, ‘sem dúvida, os conteúdos podem ser trabalhados com o uso do jogo. A criança pode trabalhar ou fixar um conteúdo com a atividade lúdica’. Souza e Francisco (2016) dizem que o brincar contribui para o desenvolvimento em todas as fases e estágios cognitivos e emocionais. Antunes (2011, p.31 apud SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 312) revela que, “brincando a criança desenvolve a imaginação, fundamenta afetos, explora habilidades e, na medida em que assume múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas”.

Vygotsky (2000 apud SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 312) afirma que:

A brincadeira é decisiva no desenvolvimento da criança porque tem a grande possibilidade de libertá-la de situações-problema e difíceis. Justamente no brincar que as coisas e as ações não são o que aparentam ser; e, em situações imaginárias, a criança começa a explorar todo seu potencial e agir independentemente do que ela vê ou interage, orientando-se pelo significado da situação, dando sentido real aos símbolos a ela apresentados.

Borba (2006 apud RODRIGUES, 2009) apresenta que a brincadeira facilita o processo de socialização da criança, provendo à integração a sociedade.

Borba (2006, p.38 apud RODRIGUES, 2009, p.19) ainda mostra que:

É importante enfatizar que o modo próprio de comunicar do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transitem entre os planos da imaginação e da fantasia explorando suas contradições e possibilidades. Assim, o plano informal das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente tem consequências na aquisição de conhecimentos nos planos da aprendizagem formal.

Para Rodrigues (2009) o brincar envolve complexos processos, como o que já ocorreu e o novo, a sua experiência, memória e imaginação, entre estes ainda, transitam entre a realidade e a fantasia. Machado (2003 apud RODRIGUES, 2009) diz que, ao brincar a criança se organiza, pensa, reflete para absorver o que lhe é necessário, o que a brincadeira pode apresentar-lhe de melhor. “O comportamento de brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais-sociais, intelectuais, criativas e físicas.” (MOYLES, 2006 apud HARTZ; PAULO; KUSSLER; SANTOS; SANTOS; FRANCO, 2012, p. 2).

Kishimoto (2010, p.1 apud OLIVEIRA, 2016, p. 10), cita que:

O brincar é a atividade principal do dia a dia para as crianças. Pois neste momento a criança toma decisões, expressa sentimentos, valores, conhece a si, os outros e o mundo, repete ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressa sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar.

Necessidades Educacionais Especiais

Frias e Menezes (2008) apresentam que a expressão “necessidades educacionais especiais” surgiu com a intenção de neutralizar outras terminologias utilizadas anteriormente para caracterizar indivíduos em suas particularidades, como limitações físicas, motoras, sensoriais, cognitivas, linguísticas, síndromes variadas, altas habilidades, como também, deficientes, excepcionais, subnormais, infradotados, incapacitados, superdotados, entre outros.

O CodeofPractice (DfES, 2001 apud BROCK; DODDS; JARVIS; OLUSOGA, 2011) reconheceu 12 categorias de dificuldades que a criança pode experimentar que demonstram a NEE. Essas categorias podem ser divididas em quatro amplos grupos:

Cognição e necessidades de aprendizagem: Este grupo inclui dificuldades específicas com a aprendizagem como a dislexia e a dispraxia (DeD); dificuldades de aprendizagem moderadas onde o alcance está abaixo dos níveis esperados e dificuldades de

aprendizagem profundas e múltiplas que são complexas e severas (como deficiências físicas) e garantem um alto nível de apoio; Necessidades emocionais, comportamentais e sociais: Este grupo cobre transtornos de comportamento e emocionais que atrapalham a aprendizagem, como o Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) e Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e a Síndrome de Tourette; Necessidades comunicativas: Este grupo cobre o espectro das necessidades de fala, linguagem e comunicação (incluindo Transtorno do Espectro Autista); Necessidades físicas/sensoriais: Neste grupo estão incluídas as deficiências físicas, mesmo quando não há necessidades educacionais especiais. Ele inclui condições como paralisia cerebral, espinha bífida e distrofia muscular. Deficiências sensoriais incluem visual, auditiva e multissensorial e qualquer combinação destas (BROCK; DODDS; JARVIS; OLUSOGA, 2011, p. 261-262).

O Conselho Nacional de Educação Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, onde constam vinte e dois artigos relacionados à como desenvolver o trabalho com o educando. Dentre estes artigos, o artigo 5º (quinto) apresenta como se configuram os alunos com necessidades educacionais especiais:

Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem: I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica; b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências; II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis; III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (CNE/CEB, 2001).

Segundo Bairrão (1998 apud CIF/OMS, p. 12, 2001) “este conceito de NEE engloba todos os alunos que demandam de recursos ou adaptações especiais no processo de ensino/aprendizagem, não comuns à maioria dos alunos da mesma idade”. Portanto às dificuldades de aprendizagem, não necessariamente vinculadas às deficiências.

O Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2001), tradicionalmente, idealizavam que a educação especial destinava-se

apenas ao atendimento de alunos com deficiências, sejam elas, mentais, visuais, auditivas, físicas/motoras ou/e múltiplas; síndromes; quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos, como também, altas habilidades/superdotação.

No entanto, com a adesão do conceito de “necessidades educacionais especiais”, ampliou-se a visão de educação especial, passando a incluir não somente as “dificuldades de aprendizagem relacionadas as condições, disfunções, limitações e deficiências, mas também aquelas não vinculadas a uma causa orgânica especificam, considerando que, por dificuldades cognitivas, psicomotoras e de comportamento.” (BRASIL, 2001, p. 43-44).

Ainda vinculado ao Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2001), há presente nas dificuldades de aprendizagem uma diversidade de necessidades educacionais associadas a:

...dificuldades específicas de aprendizagem, como a dislexia e disfunções correlatas; problemas de atenção, preceptivos, emocionais, de memória, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotores, motores, de comportamento, e ainda fatores ecológicos e socioeconômicos, como as privações de caráter sociocultural e nutricional. (BRASIL, p. 44, 2001).

Metodologia

O presente projeto de cunho qualitativo bibliográfico, o qual é baseado em literaturas (livros e artigos científicos) segundo Cervo (2007). Desenvolvido a partir de materiais já elaborados. “Pesquisa que parte da descrição, os dados obtidos não podem ser quantificados.” (BARBOSA, 2015, p. 24).

I) Procedimentos de Pesquisa

No primeiro momento foram feitos levantamentos bibliográficos com assuntos pertinentes ao tema. No segundo momento foi organizado um roteiro de entrevista a ser efetuada nos professores integrantes deste estudo. E no terceiro instante foi observado o recreio no ambiente, para fazer relações com o cotidiano das crianças envolvidas.

O questionário foi aplicado a três professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A partir do mesmo, temos as seguintes características das profissionais, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1- Perfil dos profissionais

PROF.	Ano que leciona	Tempo de serviço	Escola	Especialização
A	1º e 2º anos	30 anos	Municipal	Gestão, supervisão e orientação.
B	3º ano	28 anos	Municipal	Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia Clínica.
C	4º ano	18 anos	Municipal	Orientação Educacional; Gestão escolar e Supervisão Pedagógica; Gestão e tutoria.

Fonte: Os próprios autores.

Análise e Discussão dos Resultados

I) Questionário

A primeira questão dizia: O que você entende pela expressão “necessidades educacionais especiais (NEE)”?

Na primeira resposta da professora A fala que “entendo que cada educando tem a sua individualidade e que de acordo com suas necessidades, é necessário um trabalho e olhar diferenciado para este educando”. Já a professora B relata que:

“O termo “necessidades educacionais especiais” (NEE) fere-se a todos indivíduos que encontram em processos de aprendizagem. Necessitamos de recursos especiais: diferenciados, criativos e lúdicos que despertem, que prendam nossa atenção e interesse porque o ser humano é especial. De acordo com Sasaki (2010) na Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, ficou decidido que o termo correto a ser utilizado seria “pessoa com deficiência”.

Ainda assim, para a professora C, essa expressão se dá,

Devido à diversidade existente no universo escolar, hoje não só relativo à inclusão de alunos de AEE (Atendimento Educacional Especializado), mas há necessidades particulares de aprendizagens dos alunos, levando a Escola a adaptações curriculares a fim de se aproximar de contemplação a todos os alunos. Nem sempre é possível, mas existem desenvolvimentos de trabalhos que se aproximem de permitir diferentes acessos a diferentes níveis e necessidades de aprendizagens.

A Declaração de Salamanca (p. 1, 1994) cita que “toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas”, portanto, os “sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, p. 1, 1994). Ainda assim, relata que “o termo ‘necessidades educacionais especiais’ refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades.” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, p. 3, 1994).

O segundo questionamento foi se “o brincar é uma metodologia de ensino presente em sua sala de aula?”

Com relação à questão, a professora A, menciona que “sim, o brincar faz parte das minhas aulas. Amarelinha, dança das cadeiras, morto e vivo”. A professora B coloca que “o brincar, com certeza, é uma metodologia que está presente em minha sala de aula, pois além da integração (que ocorre ou não) dá ao professor um leque muito grande de unir vários objetivos e desenvolver uma série de habilidades/competências”. A professora C disse “sim, quando possível”.

Nas respostas dos integrantes deste estudo ficam bem evidenciados através de Fortuna (2014, p. 28-29 apud LOPES, p. 50, 2018) que defende:

A escola é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isso, é necessário encontrar o equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas – ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender – e psicológicas – contribuir para o desenvolvimento da subjetividade para a construção do ser humano

autônomo e criativo, na moldura do desempenho das funções sociais.

A terceira questão dizia: Na sua visão como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que importância tem os jogos e as brincadeiras no aprendizado das crianças?

Segundo a professora A, “através dos jogos e brincadeiras o educando constrói seu próprio saber”. Já professora B conta: “levo em consideração no planejamento os conteúdos daquele período (trimestre), e busco atividades relacionadas ao interesse do grupo (análise faixa etária). Geralmente, no início da atividade combinamos a dinâmica e suas normas juntos”. Contudo, a professora C afirma ser “de fundamental importância para o desenvolvimento, em todos os aspectos, de sucesso do aluno”.

[...] pode propiciar a construção de conhecimentos novos, um aprofundamento do que foi trabalhado ou ainda, a revisão de conceitos já aprendidos, servindo como um momento de avaliação processual pelo professor e de auto avaliação pelo aluno. Trabalhado de forma adequada, além dos conceitos, o jogo possibilita aos alunos desenvolver a capacidade de organização, análise, reflexão e argumentação, uma série de atitudes como: aprender a ganhar e a lidar com o perder, aprender a trabalhar em equipe, respeitar regras, entre outras [...] (BRASIL, 2014c, p. 5 apud LOPES, p. 56, 2018).

O quarto questionamento é: Como escolhe e planeja as atividades lúdicas a serem desenvolvidas em sala de aula?

No planejamento de suas aulas, a professora A disse: “eu escolho de acordo com o nível de aprendizado do educando e relacionando com o conteúdo a ser estudado”. Para a professora B, “as atividades são escolhidas de acordo com a habilidade a ser desenvolvida, através de pesquisas e de atividades adaptadas e já aplicadas ao longo deste período de docência”. Assim como a professora C revela que “depende do planejamento. Vario a escolha conforme planejamento, necessidades dos alunos”.

Marinho et al. (2007, p.95-96) ressaltam que:

Para utilizar o jogo como ferramenta didática, em todas as duas dimensões, o professor, ao organizar e planejar sua prática pedagógica deve encaminhar e selecionar aqueles jogos que

estiverem de acordo com os seus objetivos e os conteúdos que serão desenvolvidos. Dessa forma, sendo o jogo como recurso metodológico, alguns aspectos importantes devem ser considerados, tais como: seu grau de complexidade (para as crianças o jogo tem que ser de fácil compreensão e ter regras simples), o caráter desafiador, o interesse do aluno, o número de participantes, o espaço disponível e o material didático.

A quinta questão: O brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais?

Segundo a professora A, “sim, é de maneira lúdica e descontraída que o educando com necessidades especiais também vai progredir em seu aprendizado”. A professora B também menciona que “o brincar influencia na vida escolar dos alunos com deficiência sim. Numa perspectiva inclusiva, é uma ótima atividade integradora, rica de aprendizagens, permitindo a igualdade, a integração e aceitação do outro”. A professora C disse que, “sempre, eles não só se integram e são integrados ao convívio escolar, como se desenvolvem melhor na aprendizagem”.

Pinto e Lima (2003 apud OLIVEIRA, p.11, 2016) contam que “a brincadeira e o jogo são as melhores maneiras de a criança comunicar-se sendo um instrumento que ela possui para relacionar-se com outras crianças. É através das atividades lúdicas que a criança pode conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte de sua realidade interior”.

A penúltima questão: Você utiliza brincadeiras e jogos para introduzir conteúdos?

Conforme a professora A relata que “sim, é de extrema importância às brincadeiras e jogos para introduzir de forma lúdica e prazerosa um conteúdo”. De acordo com a professora B “na medida do possível, sim. Entretanto, há momentos que outros fatores impedem que se organize uma aula lúdica e criativa”. A professora C disse que “às vezes” utiliza deste método.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) (BRASIL, 2012 apud LOPES, p.48, 2018) aponta que:

As brincadeiras realmente proporcionam benefícios para as crianças em diferentes aspectos: a) físico, desenvolvendo as habilidades motoras e melhorando o desempenho da expressão

corporal das crianças; b) cognitivo, estimulando a atenção, concentração e memorização; c) social, pois os pares se socializam por meio do lúdico; e, conseqüentemente, d) pedagógico, o que aumenta o interesse pelos conteúdos didáticos e, portanto, favorece a aprendizagem.

A última questão: Que autores ou obras embasam suas escolhas? A professora A comenta que “não costumo me embasar somente em um autor”. Já a professora B menciona “Vygotsky, Jean Piaget, Celso Antunes e Emília Ferreiro”. Ainda, a professora C mostra que utiliza como embasamento “PCN’s, Manjón, D. G.; Gil, J. R. & Garrido, A. A., Sá, Elizabet Dias de.”. Dentre estes autores, Vygotsky (1994, 1997, 2004 apud PNAIC, p.7, 2012) “defendia que as leis de desenvolvimento são iguais para todas as pessoas, destacando que o que se diferencia, no desenvolvimento humano, é o seu percurso/inserção social. Neste sentido, a oferta de situações lúdicas, em que as crianças brincam, é favorável à aprendizagem de todas as crianças”.

II) Observação

A escola em questão se localiza em um Distrito no interior, onde a maioria dos alunos é de classe baixa. Sendo composta por nove salas de aula, biblioteca, refeitório, secretaria, sala dos professores, sala da equipe diretiva (Direção, Supervisão e Orientação Educacional), sala para o Atendimento Educacional Especializado, ginásio, quadra de areia, pracinha, área coberta e amplo espaço aberto.

Em observação, constatou-se que há na escola alunos com necessidades educacionais especiais. Dentre estes alunos, nos Anos Iniciais, há um que possui laudo³. Este aluno recebe Atendimento Educacional Especializado (AEE), como ampara o Artigo 4^o da Resolução N^o4, de 02 de outubro de 2009 e diante do consentimento dos responsáveis. Bem como, os demais alunos que apresentam algum tipo de déficit na aprendizagem, os quais estão

³ Documento em que apresenta sua NEE.

⁴ Considera-se público-alvo do AEE: Alunos com deficiências; alunos com transtornos globais do desenvolvimento; e alunos com altas habilidades/superdotação.

em investigação⁵, e também recebem este atendimento especializado, a fim de melhorar o seu desempenho escolar.

Esta observação deu-se no período de recreio/intervalo, com tempo de 15 (quinze) minutos. Onde o brincar fica mais evidente. Momento em que a criança interage com os demais colegas, de outras turmas, mais velhos e mais novos, com experiências e perfis sociais diferentes. O brincar do recreio demonstrou ser um episódio em que as crianças criam suas próprias regras e as modificam no decorrer da brincadeira, delimitam o espaço onde ela deve ser brincada. Visto que, os profissionais, que supervisionam o intervalo, não interferem no modo em que a criança brinca, a menos que ocorram riscos a criança.

O brincar é representado de forma simples, em determinados momentos, a criança brinca de forma isolada, utilizando materiais encontrados no ambiente, como galhos, pedras, areia, entre outros. Em outros momentos, relaciona-se com as demais crianças, interagindo de forma verbal e gestual. Ainda assim, realiza movimentos como corridas e saltos.

Considerações finais

Diante dos conceitos apresentados no decorrer deste estudo, juntamente com entrevista e análise do que foi colocado pelos profissionais. Estudo o qual tem como tema: relato de experiência sobre a influência do brincar em pessoas especiais no cotidiano escolar. E como problemática de estudo: “o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)?” E os objetivos: identificar de qual modo o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE); analisar a maneira que os professores introduzem o brincar no dia a dia dos alunos; observar o relacionamento dos alunos com NEE em relação aos demais alunos.

⁵ Processo pelo qual os alunos passam para que possa ser diagnosticado, ou não, seu déficit.

Silva (2011) coloca que através do brincar a criança se aproxima mais do seu mediador e desenvolve suas habilidades de forma prazerosa e espontânea. A autora (p.3,2011) ainda afirma que, “brincar é fundamental para a criança controlar impulsos, manter o equilíbrio, além de ser importante para poder compreender, e se relacionar com o mundo, pois, as atividades lúdicas desenvolvem a capacidade cognitiva”.

Contudo, os alunos com necessidades educacionais especiais, também usufruem o melhor que o brincar proporciona. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica mencionam que “todos os alunos, em determinado momento da sua vida escolar, podem apresentar necessidades educacionais.” (BRASIL, p.33, 2001).

Desta forma, o brincar abrange todos os momentos na vida escolar dos alunos, seja no período de aula ou no recreio. No período, a brincadeira e o jogo têm um critério de desenvolvimento, um objetivo a ser atingido, colocado pela professora. Como um método de introduzir e possibilitar o aprendizado de forma mais prazerosa, propiciando a integração da turma como um todo. Já no intervalo, a criança se coloca como mediador da sua própria brincadeira, cria suas regras e sistemas de jogo. Em ambos os momentos há uma socialização espontânea.

À vista disso, há também, o Atendimento Educacional Especializado no qual o aluno com NEE recebe auxílio no desenvolvimento do aprendizado utilizando diversos recursos pedagógicos. Porém, este sistema de atendimento aborda com maior ênfase questões como as deficiências e os transtornos globais do desenvolvimento, pecando, de certa forma, no atendimento de alunos com altas habilidades/superdotados, por não dar conta do atendimento das prioridades.

Portanto, como apresentado no decorrer deste estudo, o brincar influencia na vida escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais, assim como, nas dos demais alunos. Nestes momentos, há descontração, espontaneidade, diálogo, todos se integram e são integrados ao grupo

escolar. Utilizando um método prazeroso para ensinar, além do conteúdo, valores que as brincadeiras proporcionam de forma leve.

“Brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver menino sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados, tolhidos e enfileirados em uma sala de aula sem ar, com atividades mecanizadas, exercícios estéreis, sem valor para a formação dos homens críticos e transformadores de uma sociedade.”

- Carlos Drummond de Andrade

Referências

AWAD, H. Z. A. **Brinque, jogue, cante e encanto com a recreação**. 2. Ed. Jundiaí/SP: Fontoura Editora, 2006.

BARBOSA, C. J. **Metodologia e Pesquisa Científica**. [Recurso Eletrônico]. Osório: CNEC EAD, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: ludicidade na sala de aula**: ano 01, unidade 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial. MEC; SEESP, 2001.

_____. **Avaliação e Intervenção na Área das NEE**. Ministério da Educação. Sistema Internacional de Classificação da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) Organização Mundial de Saúde (OMS). 2001.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 2/2001**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001 – Seção 1E, 39-40.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 4/2009**. Diário Oficial da União, Brasília, 05 out. 2009 – Seção 1, p. 17.

_____. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Conferência Mundial da Educação Especial. Salamanca. Espanha. 07/10 jun. 1994.

BROCK, A.; DODDS, Sylvia; JARVIS, Pam; OLUSOGA, Yinka. **Brincar: Aprendizagem para a vida**. Tradução: Fabiana Kanan; Revisão técnica: Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Penso, 2011.

CERVO, A. L. **Metodologia Científica**. 6ª Edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FRIAS, E. M. A.; MENEZES, M. C. B. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais**: contribuições ao professor do Ensino Regular. 2008.

FRIEDMANN, A. A importância do brincar. **Diário na Escola**, Santo André, p.3-3, 26 set. 2003.

HARTZ, A.; PAULO, A. da S.; KUSSLER, D.; SANTOS, G. dos; SANTOS, V. C. C. dos; FRANCO, L. do A. A importância do brincar no Ensino Fundamental: crianças em fase de alfabetização. **Revista Conhecimento Online**. Ano 4- Vol. 1. Mar/2012.

LOPES, M. S. S. **O direito de aprendizagem e do brincar nos anos iniciais do ensino fundamental: formação lúdica docente**. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Programa de Pós-graduação em docência para a educação básica. Bauru, 2018.

MARINHO, H. R. B.; JUNIOR, M. Á. de M.; FILHO, N. A. S.; FINCK, S. C. M. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade**. 2ª Edição. Curitiba, 2007.

OLIVEIRA, M. A. de. **Jogos e brincadeiras no cotidiano dos anos iniciais como ato de educar**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Curso de Pedagogia. Caicó, Rio Grande do Norte, 2016.

RODRIGUES, L. M. **A criança e o brincar**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mesquita, 2009.

SILVA, V. N. da. A contribuição do brincar como recurso e pedagógico na sala de alfabetização da escola Milton da Costa Ferreira. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas da Eduvale**. Ano IV, n. 06, 2011.

SOUZA, R. S. de; FRANCISCO, O. B. O brincar no desenvolvimento lúdico da criança. **Revista ColloquiumHumanarum**. São Leopoldo, v. 13, n. Especial, jul./dez., p. 309-314, 2016.